



## A LITERATURA DE CORDEL: PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA BÁSICA

### CORDEL'S LITERATURE: PROPOSAL FOR TRAINING READERS AT BASIC SCHOOL

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins<sup>1</sup>

CUNHA, Bruna Araújo<sup>2</sup>

GONÇALVES, Edilânia de Lima<sup>3</sup>

#### RESUMO:

o presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir atividades desenvolvidas em um projeto de extensão cujo intuito era promover o contato dos alunos com a leitura literária através de cordel. O projeto foi desenvolvido em quatro encontros, nos quais foi explorado o gênero cordel e elementos que o compõe. Além disso, os alunos foram estimulados a produzir seu próprio cordel. Ao fim das atividades, acreditamos que os estudantes foram estimulados a desenvolverem suas habilidades de leitura literária e a perceberem que a literatura não é distante deles, ela presente está em nosso dia a dia.

**PALAVRAS- CHAVE:** Ensino de literatura; Letramento literário; Literatura de cordel.

#### ABSTRACT:

This article aims to present and discuss activities developed in an extension project whose purpose to promote students' contact with literary reading through the cordel. The project was developed in four meetings, in which not only was the string genre and its elements explored, but students were also encouraged to produce their own cordel. At the end of the activities, we believe that students were encouraged to develop their literary reading skills and to realize that literature is not far from them, it is present in our daily lives.

**KEYWORDS:** Literature teaching; Literary literacy; Cordel literature.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Ouro Preto, MG, Brasil. Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-7269-1996>. E-mail: [rodrigo.machado@ufop.edu.br](mailto:rodrigo.machado@ufop.edu.br)

<sup>2</sup> Instituto Federal da Paraíba - IFPB. João Pessoa, PB, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4212-7187>. e-mail: [bruna.cunha@ifpb.edu.br](mailto:bruna.cunha@ifpb.edu.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal Fluminense, UFF. Angra dos Reis, RJ, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4212-1734>. e-mail: [rodcorreamac@gmail.com](mailto:rodcorreamac@gmail.com)



## CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO LEITORES

Muito se lê sobre as concepções e dificuldades acerca do ensino de literaturas e da formação do leitor. Por isso, torna-se muito importante pensar em estratégias e metodologias para se trabalhar a literatura e estimular a formação de leitores. Dessa forma, no presente trabalho, buscaremos apresentar e discutir os resultados de um projeto de extensão, cujo título era “Cordel na escola”, desenvolvido na cidade de Angra dos Reis (RJ), no ano de 2018, o qual tinha como principal objetivo trabalhar a Literatura de Cordel com alunos do quarto ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Em trabalho anterior<sup>4</sup>, pudemos constatar que a formação de leitores literários vem sendo uma preocupação cada vez maior por parte de educadores e pesquisadores, diferentemente por parte dos governos. Temos hoje, por exemplo, em vigência um documento oficial, a Base Nacional Comum Curricular (2018), que relega o ensino de literaturas ao que chama de “Campo artístico-literário”. No Ensino Fundamental Anos Iniciais, o Campo artístico-literário ainda possui alguma relevância, enquanto no Ensino Médio dá lugar a uma ótica mercadológica, estando presente de maneira tímida na disciplina de Língua Portuguesa e no itinerário formativo de Linguagens, no qual a Literatura aparece sem sistematização – na BNCC, ela perde a autonomia frente a outros aspectos do ensino de língua materna.

Na obra *Oficina de leitura: teoria e prática*, de Ângela Kleiman (1993), a autora indica que as dificuldades apontadas na prática do educador acabam afastando o aluno da ideia de leitura literária enquanto algo prazeroso. Com essa reflexão, levantamos a hipótese de que as práticas de ensino de literaturas mal articuladas na educação básica acabam por criar um bloqueio nos leitores em formação, impedindo-os de compreender a leitura como algo apaixonante, prazeroso. Como pondera Kleiman (1993) a respeito das práticas de formação leitora, muitos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais entendem o texto literário como mero instrumento de cópia e de trabalhos não sistematizados para conhecimento do alfabeto ou de sons, consequentemente

[...] após esse primeiro e desapontador contato com a palavra escrita, a desilusão continua, e o fracasso se instala como uma constante na relação com o livro. Muitas das práticas do professor nesse período após a alfabetização sedimentam as imagens negativas sobre o livro e a leitura desse aluno, que logo passa a ser mais um não-leitor em formação (KLEIMAN, 1993, p. 16).

O texto literário está paulatinamente ocupando um lugar cada vez menor no processo educacional, correndo o risco de até mesmo desaparecer, uma vez que as escolas e políticas educacionais governamentais estão a pormenorizar o ensino literário, a substituí-lo por disciplinas mais pragmáticas e isso é resultado de uma política neoliberal que transforma a educação em

<sup>4</sup> Ver MACHADO (2017).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

mera mercadoria. É visível que há um projeto político de sucateamento da educação pública no país e isso é denunciado desde Florestan Fernandes, no mínimo. Atualmente, há o que Fernando Hadad (2019, p. 12) bem coloca como “sufocamento da educação”, que seria:

Objetivo e subjetivo. Material e psicológico. Escola Sem Partido, militarização, imposição de métodos, revisionismo histórico, corte de verbas, negação da diversidade, tudo parece caminhar na contramão do que sucessivos governos pretenderam construir, obtendo mais ou menos êxito.

É necessário questionar até que ponto o nosso ensino tem sido historicamente democrático, ou seja, refletir se ele havia pensado em ações além da letra da lei para construir modos e práticas de ensinar em que todos os povos, grupos presentes no Brasil fossem tratados em condições de igualdade em relação às produções literárias, às manifestações culturais, ao uso da língua, por exemplo. Quando usamos a expressão “em condições de igualdade”, estamos nos referindo a um ensino que não seja hierárquico, elitista, classicista, misógino, racista, LBTIfóbico, preconceituoso com populações do campo, com movimentos sociais etc. Conforme Daniel Cara (2019, p. 27), no Brasil, as políticas públicas educacionais possuem caminhos diferentes dos traçados na Constituição. Nas palavras de Cara, “Hoje, quando muito, as políticas educacionais das forças hegemônicas têm reduzido a educação a um insumo econômico ou uma estratégia disciplinadora doutrinária” (CARA, 2019, p. 27). E é contra isso que acreditamos que nós, educadores e pensadores, devemos lutar para que a educação possa se fazer democrática.

Nesse processo, o ensino de literaturas também precisa se pluralizar, deixar de servir a moldes eurocêntricos e norte-cêntricos e passar a incluir obras das mais diversas culturas e autores, dando espaço, sobretudo, para aqueles sujeitos que foram histórica e sistematicamente vítimas de exclusões na história de nosso país, a saber: mulheres, negros(as), populações indígenas, do campo, LGBTI+, entre outros. É preciso questionar a existência do cânone, de modo que a educação literária seja efetivamente democrática, acolhendo todos povos e culturas presentes em nosso Brasil.

Um dos motivos para que o sistema educacional e político, de um modo geral, não estimule o ensino de literaturas e a formação do leitor é o fato de muitos livros terem um caráter questionador, insubordinado, o qual pode propiciar que as pessoas questionem cada vez mais o mundo ao seu redor. Essa literatura insubordinada incomoda, ela aponta problemas, ela questiona verdades socialmente estabelecidas, de modo que ela

No âmbito da instrução escolar, o livro chega a gerar conflitos, porque seu efeito transcende as normas estabelecidas. De fato, existe um conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo padrões oficiais) e sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida que se manifesta numa complexidade variada que os educadores nem sempre desejam (CANDIDO, 2011, p. 178).



É necessário que vislumbremos caminhos que nos apontem maneiras plurais de incluir os alunos no processo de aprendizagem e formá-los como leitores não só de literatura, mas também do próprio mundo. O texto literário, nesse caso, pode contribuir e muito com tais objetivos por, entre tantos outros aspectos, apresentar realidades, personagens, mundos distintos dos vivenciados pelos leitores, podendo colaborar para que não só desfrutem das histórias, como também para que possam, por meio do contato com os outros (ficcionalis), modificar a si próprios.

É imprescindível entender que o objetivo principal do ensino de literaturas é a formação de leitores autônomos, capazes de gerenciar a própria aprendizagem, de construir um cânone também próprio, de realizar leituras e análises críticas, de questionar a realidade em que vivem, de conhecer a si e aos outros. Para tanto, é imprescindível que se tenha o trabalho com a literatura como uma prática de letramento. Graça Paulino e Rildo Cosson (2009) apontam que o letramento, como um conjunto de práticas sociais relacionadas à utilização de textos escritos, não pode ser singular, mas, sim, plural, uma vez que “há tantos letramentos quanto as práticas sociais e os objetos que enformam o uso da escrita em nossa sociedade letrada” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 65). Os autores ressaltam, então, que o termo letramento literário pode ser concebido como uma das práticas sociais da escrita a que se refere a literatura. Isto é, trata-se do “processo literário de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67).

O letramento é, pois, um processo, algo em constante alteração que não começa nem termina na escola, mas que acompanha os sujeitos por toda a vida e se renova ao fim da leitura de cada obra. A partir disso, conjecturamos que escola não é o ponto inicial e final no que diz respeito ao ensino de literaturas. Cabe refletir que, se nosso intuito é formar leitores, é preciso que, como educadores, pensemos em estratégias que propiciem aos nossos alunos a possibilidade de manter a prática de leitura fora do espaço escolar. Para tanto, faz-se imprescindível perceber que cada leitor tem o seu próprio universo literário, participando da construção, manutenção e transformação da literatura (PAULINO; COSSON, 2009). É necessário que nosso aluno perceba que não há leituras iguais para o mesmo texto, uma vez que seu repertório social, cultural, histórico se modifica ao longo da vida e essa modificação poderá influenciar na construção de diferentes sentidos, até para a mesma obra literária.

## 1. NO CHÃO DA ESCOLA

Ao pensarmos sobre a formação de leitores no Ensino Fundamental Anos Iniciais e sobre os processos de letramento literário de alunos da educação básica pública, criamos e desenvolvemos o projeto “Cordel na escola”. Em um primeiro momento, fizemos quatro visitas à escola para fazer o reconhecimento do espaço e exploramos todo o ambiente: salas de aula, biblioteca, laboratório de informática; também conversamos com os profissionais que ali trabalham: diretora, coordenadora, merendeiras, faxineiras, bibliotecárias, professores, para investigar a formação



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

leitora das crianças.

Em nossos diálogos com os profissionais da escola, eles reclamaram do desinteresse dos alunos em relação à leitura, alegando que poucos frequentavam a biblioteca com regularidade por iniciativa própria – a grande maioria só ia a esse espaço quando a professora os levava; também foi relatado que a escola estava situada em um local em que a grande maioria da população pertence às classes sociais mais vulneráveis e no qual havia muita violência, inclusive nos foi relatado que mais de uma vez professores tiveram que se esconder nos banheiros com as crianças em espaços fechados durante tiroteios.

Para chegar à temática da Literatura de Cordel, dois encontros se deram com os alunos do quarto ano, buscando investigar as leituras que já fizeram ou mesmo pelas quais se interessavam para, posteriormente, decidirmos o gênero a ser trabalhado. Destaque-se aqui que nosso objetivo com esses encontros foi despertar os alunos para uma leitura literária mais livre de obrigações e que se relacionasse aos interesses e desejos deles. A ideia principal era contribuir para o processo de letramento literário das crianças para que posteriormente possam tornar-se sujeitos leitores de obras literárias e do mundo.

A maior parte dos estudantes conhecia os “contos de fadas”, músicas brasileiras de variados gêneros (forró, rap, funk, entre outras). Duas alunas disseram que gostavam de um poeta chamado Bráulio Bessa que às sextas-feiras ia ao programa “Encontro com Fátima” declamar seus poemas. Esse autor é conhecido pelos seus cordéis e declamações e isso nos despertou para o trabalho com o cordel, uma vez que é um gênero riquíssimo de referências culturais brasileiras e estrangeiras, intertextual, dinâmico, poético e que foi relegado, em uma postura elitista e colonialista de certa crítica literária, a um lugar de “menor” prestígio (do que discordamos veementemente) por se tratar de um gênero nascido e prestigiado na cultura popular brasileira, sobretudo, a do Nordeste do país.

Após decidirmos a temática a ser desenvolvida na escola, nós iniciamos encontros para leitura e discussão de textos teórico-críticos e também a feitura do projeto que levaríamos para a escola.

## 2. ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Como dito anteriormente, este trabalho foi desenvolvido em uma escola básica pública da cidade de Angra dos Reis, com alunos do quarto ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Para tanto, nosso projeto envolveu a criação de sequências didáticas para quatro encontros de uma hora e meia com os alunos. Em todas as vezes que fomos à escola para trabalhar com os discentes, utilizamos o espaço da biblioteca escolar e isso deve-se ao fato de notarmos que a sala de aula, com sua estrutura fechada, com pouca mobilidade e pouca liberdade aos estudantes, assemelha-se muito mais a um local de opressão do que um ambiente propício ao desafio e ao desenvolvimento das habilidades linguísticas, artísticas e literárias dos alunos. Foi notável que, na



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

biblioteca, divididos em grupos, as crianças se sentiram mais à vontade para ir até os colegas de outros grupos dialogar acerca do trabalho que desenvolveram.

A partir de discussões desenvolvidas na Disciplina de "Língua Portuguesa: Conteúdo e método"<sup>5</sup> em que buscávamos pensar a formação do leitor na educação brasileira, surgiu a ideia de fazermos um projeto de extensão sobre literatura na educação básica. Para tanto, ensejamos escolher uma escola onde poderíamos levar algo de diferente e tentaríamos, mesmo que de modo rápido, "plantar uma semente" de leitura nos alunos. A instituição que abriu suas portas para nós fica em um bairro da cidade de Angra dos Reis em que há relatos de vários casos de violência.

Como dito anteriormente, as professoras, a diretora e os demais funcionários da escola, em conversas informais, colocaram-nos a par de que mais de uma vez tiveram que se esconder no banheiro da escola, juntamente com alunos, por causa de tiroteios que ocorriam ao redor do prédio. Levar Literatura de Cordel aos alunos que vivenciam cotidianamente situações desse tipo foi um desafio. A turma em que trabalhamos era de 40 alunos mista, isto é, com alunos que possuem diferentes idades: alguns repetentes e outros na idade-série adequada. A professora nos relatou que quatro desses alunos apresentavam necessidades específicas, tais como: Esquizofrenia, Transtorno de Espectro Autista – TDE – e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH. Ela ainda mencionou que, por falta de qualquer mediador em uma turma tão heterogênea no que se refere à aprendizagem, havia uma séria dificuldade em desenvolver trabalhos que fugissem do livro didático e mesmo das aulas consideradas como "tradicionais".

## 2.1 PRIMEIRO ENCONTRO

Como também foi mencionado, após idas à escola, contato com os alunos, montamos o projeto "Cordel na escola" em que planejamos ser desenvolvido em quatro encontros na escola, um por semana. No primeiro deles, buscamos incentivar os alunos a investigarem o conhecimento prévio a respeito da Literatura de Cordel. Como já mencionado no início desse trabalho, devido a um programa de televisão diário, duas alunas conheciam o cordelista Bráulio Bessa. No entanto, ao longo da conversa, fomos encontrando mais referências: outros tiveram contato com o cordel através de uma telenovela chamada "Cordel Encantado". Para ajudar a introduzir o gênero Literatura de Cordel para aqueles que não sabiam do que se trata, foi utilizado um vídeo sobre a matéria de 31 anos do Globo Rural que apresenta a história de todo o movimento cordelista até a atualidade.

Ao assistirem a reportagem, os alunos se surpreenderam com a existência do Cordel como veículo de informação antes do surgimento da televisão e do rádio, o que fez com que a turma se espantasse com o fato de que as pessoas não tinham acesso a meios de comunicação que para

<sup>5</sup> Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Rodrigo Machado, um dos autores deste trabalho, para o curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense (UFF), *campus* Angra dos Reis.





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

eles hoje em dia são importantes e corriqueiros, como, por exemplo, a televisão, a internet e o jornal.

Relacionar o que trabalharíamos com os alunos ao conhecimento prévio que eles já tinham acerca do tema não foi gratuito. Na verdade, é uma maneira de tentar tornar a aula mais significativa e interessante aos discentes, o que vai ao encontro do que Vygotski (2002) e Paulo Freire (2019), através de seus estudos, identificaram: é impossível contemplar o processo de ensino-aprendizagem dos seres humanos de modo separado da história de vida de cada um, do contexto social, histórico e cultural em que vivem.

No caso do movimento cordelista, o cânone literário e cultural brasileiro vem, vagarosamente, abrindo espaço e dando visibilidade a essa cultura que foi tida como menos importante, por ser popular. Hoje é comum telenovelas, minisséries, exposições artísticas em que esse movimento cultural é protagonista. Por esse motivo, grande parte dos alunos conseguiu se lembrar de algum elemento a ele relacionado.

A partir de então, buscamos conceituar o que seria Literatura de Cordel e o movimento cordelista, o qual pode ser considerado um dos precursores dos meios de comunicação no Brasil. Antes dos atuais meios de comunicação, as pessoas que moravam distantes dos centros urbanos utilizavam os cordéis para retratarem notícias do dia a dia. O cordel possuía um papel fundamental para função informativa. Como destaca Diegues Jr:

Instrumento de comunicação, alargou-se depois à divulgação dos fatos acontecidos, coisas de que a população não podia ter conhecimento senão por essa forma. Radio não existia; jornal era raro. Quando chegava, levado dos grandes centros - Recife ou Fortaleza, por exemplo - com o atraso normal dos meios de transporte de então, já o folheto se antecipava na divulgação do fato. Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos sertões familiares (DIEGUES JR, 1977, p. 17).

A partir disso, percebemos a importância da Literatura de Cordel para a cultura e da cultura para o cordel. Como ressaltam Fernanda Silva e Edivânio Souza (2006, p. 16), cultura é o registro de um povo, representando uma maneira de pensar e agir diante do mundo, ao passo que o indivíduo se vê, percebe também a sociedade em que vive. A ideia posta por estes autores nos revela nitidamente o objetivo do cordel: representar as histórias vivenciadas pelo próprio povo, seus costumes, cultura, notícias, comidas, entre outros elementos.

Para concluir o primeiro encontro, procedemos à leitura de duas histórias de cordel, juntamente com os alunos: "Pavão Misterioso" e "Morte no sertão". Levamos várias obras, adquiridas no Centro de Tradições Nordestinas do Rio de Janeiro, e o que lemos foi por escolha dos próprios alunos, após mostrarmos os diversos títulos que tínhamos em mãos. Durante a leitura que fizemos, todos se mostraram muito curiosos e atentos em relação à história e a elementos como ritmo, rima, aliterações, assonâncias. No fim, um dos alunos chegou até nós e disse que



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

sabia fazer “aquilo” e nos mostrou um rap que havia elaborado, dando a entender que percebeu as similaridades estéticas entre o que produziu e o que lemos. Isso foi extremamente interessante para todos, pois conseguimos vislumbrar na prática como os alunos, com devido espaço e liberdade, relacionavam o conhecimento que traziam de fora para dentro da escola.

## 2.2 SEGUNDO ENCONTRO

Nesse encontro, a partir do que foi construído com os alunos anteriormente, apresentamos outro componente imprescindível para a Literatura de Cordel que é a xilogravura. Inicialmente, perguntamos aos alunos se sabiam o que seria xilogravura e a importância dela nas histórias. Eles não sabiam o que essa palavra diferente significava, mas intuíram que as imagens também faziam parte da história.

A partir de então, destacamos a importância da utilização desta linguagem não-verbal, ou, mais especificamente, desta linguagem imagética, nas histórias de cordel como forma de atender a algumas deficiências de leitura e de dar conta de uma necessidade de expressão que não cabe na potencialidade do registro das palavras, mas que se faz entender pelas informações e códigos para se perfazer no contexto comunicativo.

Como salienta Hata (2000), para o leitor tradicional e iletrado, a imagem permite que o mesmo reconheça a criação da história que o cordel traz, possibilitando-o inclusive a percepção da temática contida. Sendo assim, não só os conteúdos agregam valores informativos, mas as ilustrações equivalem às autenticidades das notícias. Estampadas nas capas ou no desenrolar das histórias, as xilogravuras podem ser examinadas à parte, para que se compreenda sua junção e complementação nos resultados dos fatos narrados nos cordéis.

Logo depois, expusemos outra parte do vídeo do Globo Rural que explora os desdobramentos das técnicas de xilogravuras desde o surgimento desta arte. Também explicitamos para os alunos como esse elemento foi se naturalizando, se tornou rico e fundamental para expressão da cultura brasileira, o quanto sua produção e resultado estético transformaram-no em um componente essencial na formação e na identidade dos cordéis. Essa representação artística, que tanto incrementa e informa, tende a subsistir como uma das mais ilustres manifestações da Literatura de Cordel.

No momento seguinte da atividade, distribuimos vários cordéis para os alunos. Após o contato deles com as obras, fizemos a leitura da história “A chegada de Lampião no inferno” – novamente por escolha dos mesmos. Foi necessário contextualizar e trazer para a vivência desses alunos o enredo das histórias lidas para que a compreensão dos textos fosse mais fluida, já que notamos uma defasagem no que diz respeito à leitura e à interpretação de textos por parte deles. Mediante o que os alunos ouviam, alguns se colocavam dentro da história, interagindo conosco e também com outros colegas sobre as atitudes tomadas pelos personagens dentro da história. Buscamos fazer da leitura uma experiência de interlocução dialógica, porque, conforme salientam





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

Fabiano Grazioli e Rosemar Coenga, a "leitura é uma experiência que envolve a troca, o diálogo e a interação [...]" (GRAZIOLI e COENGA, 2014, p. 191).

Distribuímos, ao fim do encontro, cordéis para que os alunos manuseassem, sentissem nas mãos o texto escrito, observassem e lessem. Aqueles que quisessem também poderiam escolher uma obra e levá-la para casa, devolvendo-a no próximo dia de nossos encontros. Em meio a essa atividade, notamos que alguns dos cordéis se destacaram dentre os demais, aguçaram o interesse da turma por serem coloridos e conterem personagens contemporâneos. Era evidente o entusiasmo dos alunos no momento da leitura.

### 2.3 TERCEIRO ENCONTRO

Nesse dia, conforme o que os alunos apreenderam nos encontros anteriores, elaboramos para a turma a atividade que envolvia a criação de seus próprios cordéis. Para isso, explicamos a atividade e a aplicamos em dois momentos:

1) O primeiro momento constituiu-se na produção da história dos cordéis da turma. Explicamos que a atividade seria para eles mesmos produzirem os próprios cordéis. Logo após a formulação da atividade, apresentamos para os alunos, de maneira sistematizada, como o trabalho com a métrica, os versos e as rimas se constrói. Nesta ocasião, foi possível perceber a animação e o interesse dos estudantes pela temática. Alguns dos alunos até improvisaram poemas rimados para mostrar que sabiam utilizar este recurso linguístico. Então, concluímos que a rima apresentada ali pôde estabelecer relações com o que tinham familiaridade.

Vale ressaltar que é de extrema importância propiciar aos alunos o protagonismo na produção e na execução de atividades, uma vez que acreditamos no que nos afirma Geraldí:

Centrar o ensino na produção (...) é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala (GERALDI, 1991, p. 165).

2) No segundo momento, distribuímos folhas, lápis (coloridos e não coloridos), canetas e deixamos outros materiais disponíveis para que fossem utilizados em caso de necessidade (régua, tesoura, cola). Cada aluno, através do tema de sua própria escolha, produziria seu enredo no cordel. Sabemos que essa liberdade de escolha do tema não condiz com a realidade das salas de aula, pois muitos educadores impõem o que os alunos devem ler e/ou produzir. Como enfatiza Moreira, "são selecionados pelo professor, que tem em mente hipotéticos interesses e necessidades dos alunos. Muitas vezes essa escolha não vem ao encontro nem dos interesses nem das necessidades dos alunos e o curso se torna maçante" (MOREIRA, 1982, p. 60).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

Embora a construção da atividade devesse ser feita de forma individual, houve cooperação por parte de todos envolvidos. A atividade conseguiu não só aproximar o contato colaborativo e afetivo, mas também fez com que os alunos se empenhassem na produção do seu próprio cordel contando com todos os elementos desta Literatura.

Na elaboração da escrita dos cordéis dos estudantes, identificamos que a turma tinha um déficit muito grande em relação às habilidades de leitura e de produção escrita. A partir de então, a atividade tornou-se um desafio na medida em que havíamos planejado a atividade do dia pensando no ano escolar e na idade daqueles alunos e muitos ali não haviam consolidado ainda o processo de alfabetização.

Percebemos que muitos dos alunos sequer conseguiam completar coerentemente a primeira frase na folha. Em função disso, nosso trabalho também foi auxiliá-los tanto em relação à oralidade das histórias, quanto à composição das sílabas e dos significados das palavras. Alguns dos estudantes queriam usar palavras cujo significado não conheciam, apenas por serem consideradas por eles mais elaboradas e “bonitas”, já outros buscavam ajuda pedindo para que determinadas palavras fossem soletradas para poderem escrever.

Em meio às intervenções, alguns estudantes revelaram-nos, com tristeza em seus olhares, a dificuldade de aprendizagem que perpassa as atividades de leitura e escrita da escola. Sobre essas atividades, relembramos as palavras de Ângela Kleiman ao afirmar que

a atividade árida e tortuosa de decifração de palavras que é chamada de leitura em sala de aula, não tem nada a ver com a atividade prazerosa [...]. As práticas desmotivadoras perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem [...] (KLEIMAN, 1993, pág. 16).

É imprescindível nos atermos ao que a autora salienta acerca do ensino, pois na sala de aula muitas atividades deixam de lado o conhecimento e os interesses do aluno ao utilizar métodos massivos e ineficazes, além de concepções de leitura em que o professor é aquele quem dá as diretrizes sobre o que o texto discute ou não, perpetuando, assim, a formação de leitores passivos. Como nos revela Kleiman (1993), os alunos assumem a condição de leitores passivos por não conseguirem construir sentido no que leram, mantendo-se, assim, na incompreensão.

Apesar dos impasses iniciais, no final da produção escrita ficou visível o crescente desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional dos alunos. Notamos, ao longo da atividade, que aqueles que a princípio não conseguiam nem mesmo desenvolver a primeira linha escrita na folha buscaram recorrentemente se apropriar das especificidades dos elementos linguísticos do cordel.

Ao final desse primeiro momento, um dos alunos nos propôs que fizéssemos a leitura do seu próprio cordel para a turma. Sugerimos para ele que fosse o protagonista da leitura de sua obra. Com a leitura tímida e atropelando as palavras, ele leu sua história “Cachorrinho sem pelo”,



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

que contava as aventuras de um menino e seu cachorro sem pelo. Ao término da leitura do aluno, foi notória a felicidade e o entusiasmo de todos. Concluímos esse momento frisando que a interatividade com a leitura não é uma prática descomprometida e unilateral, e sim um aporte que desenvolve a construção da autonomia crítica e emocional. Assim como afirma Graça Paulino, “as leituras, em sua diversidade, mobilizam emoções, incitam reflexões, transmitem conhecimentos, envolvendo, como se viu, diferentes saberes [...]” (PAULINO, 2001, p. 156).

O segundo momento da atividade programada para esse encontro constituiu-se da confecção da “isoporgravura” que é produção de gravuras com o auxílio de placas de isopor. Essa técnica é bastante conhecida e valorizada no campo escolar. A interação dos alunos com esse elemento prático durante a aprendizagem é rica em significação e dialógica com a criação. Conforme Dewey, “quando uma atividade continua pelas consequências que delas decorrem a dentro, quando a mudança feita pela ação se reflete em uma mudança operadora em nós, esse fluxo e refluxo são repassados de significação” (DEWEY, 1979, p. 152).

Evidentemente, trabalhar com a técnica da “isoporgravura” não se resume a criar meras ilustrações. Primeiramente, explicitamos para os alunos que o momento envolveria o desenho dos personagens da história que eles produziram anteriormente. A partir daí, retomamos o contato com os cordéis da turma. Nesse ponto, cada aluno fez a releitura de sua obra. Logo depois, com o manuseio dos materiais, demos para os alunos o passo a passo da confecção da xilogravura de cordel.

Colocamos à disposição dos educandos os materiais (folhas de ofício, placas de isopor, tintas guache e pinceis) necessários para elaboração da atividade. Em seguida, com as placas de isopor em mãos, os alunos delinearão com o lápis os seus desenhos. Após fazerem suas matrizes de isopor, entintaram-nas com as cores de suas preferências para a transposição das imagens nos cordéis. Durante a prática, ficou evidente que os estudantes maximizaram os elos entre o concreto e o abstrato. Finalizado as ilustrações da turma, seguimos enfileirando os cordéis em prateleiras da biblioteca para a concretização do processo de secagem das pinturas. Para concluirmos a atividade, com os cordéis expostos no ambiente, fizemos juntamente com os alunos a explanação das imagens, a fim de contemplarmos as relações significativas entre as leituras e as imagens.

A experiência com a prática configurou-se muito atrativa a todos, colaborando dinamicamente com o processo de produção de sentidos e com a interação dos alunos entre a teoria e prática. Como nos aponta John Dewey,

[...] uma onça de experiência vale mais do que uma tonelada de teorias simplesmente porque é só pela experiência que qualquer teoria tem importância vital e verificável. Uma experiência, uma humílima experiência, é capaz de originar ou conduzir qualquer quantidade de teoria (ou conteúdo intelectual), mas uma teoria, à parte da experiência, não pode nem mesmo ser definitivamente aprendida como teoria (DEWEY, 1979, p. 158).



## 2.4 QUARTO ENCONTRO

Para este último encontro, preparamos junto à professora, à bibliotecária e às coordenadoras da escola uma atividade de Feira cultural literária. O objetivo foi a exposição dos cordéis produzidos pelos novos e diversos alunos-cordelistas e esse encontro também serviu para ser um momento de confraternização entre estudantes e o restante da comunidade escolar. Os alunos ali se assumiram produtores de literatura, à frente do próprio processo de aprendizado. Como Paulo Freire ressalta,

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1996, p. 41).

Mantendo a essência da tradição, os cordéis foram dispostos em varais no espaço físico da biblioteca. Isso serviu como uma ponte direta entre a atividade prática naquele espaço comum aos alunos e o vídeo com conhecimentos acerca da Literatura de Cordel que foi apresentado à turma no primeiro encontro. Para nós, foi evidente a importância da feira cultural por ser a conclusão de todos os desdobramentos dos outros encontros.

Os estudantes do quarto ano participaram da organização da biblioteca, acomodação do material no local e dos varais. Cada um dos varais estava organizado com elementos que repassavam aspectos únicos dos temas dos cordéis. Foi convidada a participar do evento, como dito anteriormente, toda a comunidade escolar. Para nossa surpresa, alunos de outras turmas diziam estar cientes das atividades que estávamos desenvolvendo na escola e houve muita curiosidade para entender mais do projeto.

Os alunos que participaram do projeto apresentaram os seus trabalhos para toda escola, começando a explicação pelas gravuras, no que diz respeito aos significados que intencionaram construir, bem como às relações entre as imagens e a história que escreveram. Foi feita a leitura de cordéis produzidos pela turma na ordem de escolha dos presentes. Durante esses momentos, era perceptível a felicidade dos alunos em partilhar com seus pares e docentes as suas primeiras produções cordelistas. No fim da leitura, os cordéis foram deixados sobre uma mesa para que os ouvintes interessados pudessem consultar e visualizar as obras produzidas.

O acolhimento que aquele espaço proporcionou para a construção de saberes, assim como a importância de uma escola em sintonia com o projeto, auxiliou no desenvolvimento social e na desenvoltura do discurso dos alunos que apresentaram suas obras com orgulho diante do público presente. Acreditamos que atividades como essa são fundamentais e de transformação significativa



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

para a criação de um novo vínculo entre a escola e o aluno-leitor, ainda mais ao considerarmos que muitos ali presentes não tinham a leitura como prática nas suas vidas. Por isso, concordamos com Michele Petit (2010) quando diz que

os que viveram o mais distante dos livros e que puderam, um dia, considerá-los como objetos próximos, companheiros, dizem que tudo começa com encontros, situações de intersubjetividade prazerosa, que um centro cultural, social, uma ONG, ou a biblioteca, às vezes a escola, tornam possíveis. Tudo começa com uma hospitalidade (PETIT, 2010, p. 48).

Por fim, consideramos que ficou perceptível com este projeto a importância da leitura como hábito e como prática social de disseminação de cultura, tendo a escola e o professor o papel de mola propulsora para a formação de novos leitores literários.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O ensino de literaturas na educação básica pública é um desafio por variadas questões: má remuneração dos professores, falta de tempo para que os docentes sejam leitores efetivos, péssima infraestrutura de muitas escolas, pelo contexto escolar, pela diversidade dos alunos presentes e pelo grande número de alunos em sala de aula, entre tantas outras questões. Porém, percebeu-se com a atividade desenvolvida que é possível em poucas aulas apresentar e estimular o processo de formação do aluno como leitor literário, tendo consciência plena de que isso não é suficiente. É difícil, no momento, analisarmos profundamente a melhora dos alunos na leitura e na escrita de textos apenas com as atividades que consituíram o projeto, pois se trata de um processo não momentâneo e que necessita de continuidade. É possível que com a permanência e a constância de trabalhos como esse haja progressos significativos.

Com este projeto, foi possível identificar que os problemas com o ensino de literaturas na educação básica permanecem e são agravados pelo atual contexto escolar. No entanto, devemos saber que esses alunos têm o direito a um ensino de qualidade para que possam despertar a sensibilidade pela literatura. Assim, cabe ao poder público criar e efetivar estratégias que fomentem atividades de leitura sem censuras nas escolas. Também nós, educadores em constante formação e transformação, podemos desenvolver com os alunos propostas literárias que propiciem um ambiente positivo e agradável para que os mesmos consigam chegar ao encontro da leitura literária por um caminho prazeroso.

Acreditamos que as atividades desenvolvidas foram significativas para os alunos, pois eles não só leram, como também produziram e expuseram as suas próprias obras



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

literárias. Foram estimulados a desenvolverem suas habilidades de leitura literária e a perceberem que a literatura não é distante deles, ela está em nosso dia a dia (em músicas, novelas, filmes, contos, entre outros); também foram motivados a agenciarem seus próprios processos de aquisição de conhecimentos, de modo a contribuir para o processo de letramento literário. Se essa semente vai frutificar em todos, não temos como saber, mas que aqueles ali tocados possam levar à frente e para frente esses momentos e a própria literatura é o que desejamos.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod\\_resource/content/1/Candido%20%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf). Acesso em: 12 out. 2019.
- CARA, D. "Contra a barbárie, o direito à educação". In: CÁSSIO, Fernando (org). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 11- 13.
- DEWEY, J. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Companhia ed. Nacional, 1979.
- DIEGUES JR., M. *Literatura de Cordel*. Apresentação a Batista, S.N. Antologia da Literatura de Cordel. Natal: Gráfica Manimbu, 1977. pp. I-XXVI.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GRAZIOLI, F. T.; COENGA, R. E. *Literatura Infante juvenil e leitura: novas dimensões e configurações*. Erechim: Habilis, 2014.
- HADDAD, F. "Prólogo". In: CÁSSIO, Fernando (org). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 11- 13.
- HATA, L. *O cordel das feiras às galerias*. Ensaios. [2000]. Projeto Memória de Leitura. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/CordelasFeiras.htm> Acesso 20 nov 2019
- KLEIMAN, Â. "Capítulo 2 - A concepção escolar da leitura". In: *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1993, p. 15 – 30.
- MACHADO, R.C. M. *Leitura literária na escola: algumas reflexões sobre o ensino de literaturas na educação básica brasileira*. *Ensino de literaturas: perspectivas em linguística aplicada*. 1ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017 I, v. , p. 51-70.





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.57596

MOREIRA, M. A.; MASINI, Elcie F. S. *Aprendizagem significativa, a teoria de David Ausubel*. São Paulo: MORAES, 1982.

PAULINO, G.. *Tipos de textos, modos de leitura*. São Paulo: Formato, 2001.

\_\_\_\_; COSSON, R. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (org.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

PETIT, M.. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. [S.L.]: Editora 34, 2010.

Reportagem Globo Rural : Literatura de Cordel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ> Acesso 20 abr 2018.

SILVA, F. I. C. da; SOUZA, E. D. de. *Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na Literatura de Cordel*. João Pessoa, jan./jun. 2006.

YIGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos*. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

*Recebido em 6 de fevereiro de 2021*

*Aceito em 22 de setembro de 2022*



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.